



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de posse do desembargador Ricardo Tadeu Marques da Fonseca no Tribunal Regional do Trabalho do Paraná (TRT-PR) e comemoração dos 33 anos do TRT-PR

Curitiba-PR, 17 de setembro de 2009

Eu quero, primeiro, dizer da alegria imensa de poder estar aqui na posse do nosso querido companheiro Ricardo.

Quero cumprimentar o ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, nosso companheiro Paulo Bernardo,

Quero cumprimentar o meu companheiro Toffoli, ministro da Advocacia-Geral da União,

Quero cumprimentar o Orlando Pessuti, vice-governador do Paraná,

Os senadores Flávio Arns e Osmar Dias,

Quero cumprimentar os deputados federais Ailton Roveda, André Vargas, Ângelo Vanhoni, doutor Rosinha, Luiz Carlos Setim, Marcelo Almeida, Ratinho Júnior e Wilson Picler,

Quero cumprimentar o ministro João Oreste Dalazen, vice-presidente do Tribunal Superior do Trabalho,

Quero cumprimentar a desembargadora Rosalie, Presidente do Tribunal Regional do Trabalho do Paraná, por meio de quem cumprimento os demais integrantes desta Corte,

Quero cumprimentar a dra. Maria Aparecida Gurgel, da Subprocuradoria-Geral do Ministério Público do Trabalho,

Quero cumprimentar o companheiro, dr. Cezar Britto, presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados,

Quero cumprimentar o companheiro dr. desembargador Ricardo Tadeu Marques da Fonseca, empossado hoje no Tribunal Regional do Trabalho do



Paraná, e sua esposa, Suzana Maria Marques da Fonseca, suas filhas, seus familiares que estão presentes,

Quero cumprimentar todos os membros do Judiciário aqui presentes,

Quero cumprimentar a imprensa,

E cumprimentar todos os convidados,

Em primeiro lugar, parabéns ao Tribunal Regional do Trabalho pelos 33 anos de existência e de luta. E parabéns também por tornar-se o primeiro Tribunal do Brasil a ter em seus quadros um juiz com deficiência visual. Estou certo de que a partir de hoje, contando com a sensibilidade de alguém que perdeu a visão, mas não a capacidade de enxergar a verdade e a justiça, as decisões deste TRT hão de ser ainda mais sábias.

Meus senhores e minhas senhoras,

A posse do desembargador Ricardo Tadeu Marques da Fonseca é, antes de tudo, a vitória individual de alguém que, muito cedo, aprendeu a transpor barreiras injustas. Mas é também a vitória de cada brasileiro e brasileira portador de deficiência. É a prova definitiva de que é possível ultrapassar os limites e limitações, muitos deles impostos pelo preconceito.

Mestre e doutor, ativista dos direitos do trabalhador, em especial da pessoa com deficiência, jurista renomado, este desembargador chegou até aqui única e exclusivamente pelos seus méritos. Mas seu enorme talento, reconhecido desde os tempos de escola, não o livrou de se tornar uma das tantas vítimas do preconceito no nosso país. O sonho de se tornar magistrado, por exemplo, teve que ser adiado por uma década.

Em 1999, o TRT de São Paulo impediu-o de fazer a última prova do concurso para juiz. Alegou-se que um cego não poderia ler documentos nem ver a expressão de réus e testemunhas. Esqueceram que um deficiente visual sabe avaliar a oscilação vocal de réus e testemunhas melhor do que aqueles



que vêem. E que todo juiz, quando recebe documento em língua estrangeira, precisa de um tradutor juramentado para lê-lo.

Da mesma forma, o juiz Ricardo Tadeu Marques da Fonseca poderia contar com pessoas que lessem para ele, como o faz desde que perdeu definitivamente a visão, no terceiro ano da Faculdade de Direito de São Paulo.

Minhas amigas e meus amigos,

Ainda temos uma longa caminhada pela frente, mas eu penso que estamos avançando em bons passos. Nos últimos anos, o Brasil tornou-se reconhecido mundialmente pela mudança de paradigma nas questões relativas às pessoas com deficiência.

Em 2008, ratificamos a Convenção da ONU sobre o direito das pessoas com deficiência, que proíbe a discriminação baseada na deficiência e determina a adoção de medidas específicas para assegurar e promover os direitos humanos e liberdades fundamentais de todas as pessoas com deficiência. E o fizemos de forma inédita. Pela primeira vez, o Brasil incorporou um tratado internacional com força de norma constitucional.

Aproveito para destacar a participação do então procurador Ricardo Tadeu Marques da Fonseca nas audiências públicas no Congresso Nacional. A verdade é que o governo federal incluiu entre suas metas prioritárias o atendimento das especificidades de uma parcela de 14,5% da população brasileira, buscando garantir seu acesso aos bens e serviços básicos disponíveis para a sociedade em geral.

Temos realizado esforço conjunto com estados e municípios para que criem órgãos específicos com atribuição de coordenar e efetivar a política de inclusão da pessoa com deficiência em âmbito local.

A agenda social de inclusão das pessoas com deficiência, coordenada pela Secretaria dos Direitos Humanos, com a participação dos Ministérios da Saúde, Educação, Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Trabalho e



Emprego, Cidades, Planejamento e Casa Civil é uma das prioridades do nosso governo.

Entre outras ações importantes, a agenda garante maior acesso ao mercado de trabalho, seja pela sensibilização de empresários, seja pela fiscalização do cumprimento das cotas.

Ao mesmo tempo, cuidamos com maior rigor dos editais dos concursos, a fim de assegurar as condições de acesso das pessoas com deficiência ao serviço público. Nosso objetivo é criar oportunidades para brasileiros e brasileiras que durante muito tempo estiveram à margem das políticas públicas e que querem contribuir cada vez mais para o crescimento do nosso país.

Na próxima segunda-feira comemoraremos o Dia Nacional de Luta das Pessoas com Deficiência. Nada mais justo do que homenagearmos hoje um dos grandes lutadores dessa causa, o nosso querido companheiro, amigo e doutor Ricardo Tadeu Marques da Fonseca.

Eu queria, Ricardo, dizer a você que a minha vinda... Eu nunca fui à posse de nenhum desembargador... participo das solenidades nos tribunais de Brasília. Mas eu fiz questão de sair de Brasília e vir hoje aqui, Ricardo, pelo simbolismo da conquista que você obteve.

Quando nós estamos aqui nesse salão cheio de jornalistas, cheio de autoridades, com a participação do presidente da República, parece que o preconceito desapareceu do nosso país, e ele ainda é muito forte. Ele, muitas vezes, aparece no anonimato do cotidiano de cada cidadão pobre, de cada cidadão portador de deficiência, de cada cidadão negro deste país, muitas vezes de forma muito sutil, de forma, eu diria, até maquiavélica, em um total desrespeito ao processo de inclusão que este país tem, desde há muitos anos, porque nós somos um país megadiverso, um país com uma quantidade enorme de misturas, que deu esse povo extraordinário, mas nós ainda não conseguimos superar o preconceito.

Eu não... Talvez a minha deficiência, diferentemente da do Ricardo, seja



a deficiência intelectual, talvez seja outro tipo de deficiência. Mas o preconceito ainda é uma doença neste país. E o pior é que as pessoas que têm preconceito não sabem que têm uma doença e pensam que não têm deficiência - porque a deficiência é ter preconceito; elas, portanto, se acham normais e se acham no direito de achar que são melhores, que elas podem mais, que elas têm mais direito do que aquele que ele entende que tenha deficiência física.

Eu estava lendo hoje o jornal e estava vendo o seguinte: o presidente Obama recebe quatro vezes mais ameaças de morte do que o presidente Bush recebia. Qual a razão? Porque ele tem tão pouco tempo de mandato que ainda não poderia ser julgado pelo conteúdo das realizações do seu governo. Qual a razão, então, a não ser a razão de ele ser negro?

Ora, se em um país que é considerado o país mais rico do mundo o preconceito está arraigado nas entranhas da sociedade, imaginem aqui no Brasil. Quantas vezes nós somos vítimas de preconceito? Eu não vou contar os meus casos, Ricardo, porque seria... Hoje, eu superei por que virei presidente da República.

Agora, o povo brasileiro, na sua maioria, é muito generoso. A história da humanidade vai escrever, um dia, que o Brasil talvez seja o primeiro país do mundo que elegeu um presidente e um vice-presidente que não têm diploma universitário. É transpor uma barreira de preconceitos históricos neste país. É tentar dizer para as pessoas que o conhecimento que nós aprendemos na universidade é apenas um aperfeiçoamento daquilo que a nossa inteligência contém; e que tem outras pessoas, que não tiveram essa oportunidade, que têm tanta inteligência quanto aqueles que tiveram oportunidade.

Disseram-me, Ricardo, como é que você iria trabalhar em um processo se você não consegue enxergar. Essa talvez seja a coisa mais banal ou mais simplória que falaram. Como se a gente não pudesse utilizar outros métodos para que você pudesse dar a tua sentença em igualdade de condições, como qualquer outro desembargador neste Tribunal.



Mas não é apenas com você. Eu lembro quando eu indiquei o Joaquim Barbosa para ser o primeiro ministro da Suprema Corte, negro. Eu lembro quantos e-mails a gente recebia. Eu lembro quantas vezes houve preconceito porque indicávamos as primeiras mulheres. Já no governo do Fernando Henrique Cardoso a dra. Ellen e no meu governo a Carmen. Possivelmente, as pessoas até nem tinham culpa, mas aquilo está arraigado na consciência cultural de determinados grupos brasileiros, que continuam a teimar que as pessoas não podem ter acesso a determinados lugares.

Ricardo, uma vez eu recebi uma reclamação de que os deficientes visuais não podiam entrar com os seus cães-guia em ônibus, em igreja, em metrô, em shopping. Então, eu queria encontrar um jeito de quebrar esse preconceito. Além de mandarmos a lei para o Congresso Nacional, eu convidei para dentro do Palácio do Planalto um encontro de portadores de deficiência com todos os seus cães, para ver se nós passávamos na cabeça das pessoas a ideia de que o olho daquele portador de deficiência era o seu cão, eram os olhos dele naquele momento e, portanto, ele não poderia prescindir dos seus olhos, transformados em um cão, para andar em qualquer lugar deste país.

Assim Ricardo, de gesto em gesto, nós vamos quebrando os preconceitos. É uma luta muito difícil, é uma coisa muito complicada que vai levar décadas, às vezes décadas, às vezes até um século para que a gente possa vencer determinados preconceitos.

Eu acho que no Brasil nós já avançamos demais. Eu digo sempre que um dia desses teve um encontro de todo o pessoal do LGBT, lá em Brasília, e eu fui convidado. O preconceito para que eu fosse nesse encontro era como se aquelas pessoas não fossem eleitores na época das eleições, e político nenhum faz diferença. Era como se elas pessoas não pagassem Imposto de Renda, que todo governo gosta de receber. Então, qual era a proibição que um presidente da República poderia ter de ir a um encontro de brasileiros e brasileiras que livremente fizeram as suas opções?



Não pensem que é fácil transpor essas barreiras. É muito difícil. Eu me lembro do dia em que eu levei uma assembléia de catadores de papel para dentro do Palácio do Planalto. Eu me lembro da vez em que eu coloquei o chapéu de um sem-terra na minha cabeça, a quantidade de críticas enormes que eu recebi, Paulo Bernardo. E o que os catadores de papel queriam? O maior prazer deles não foi a conquista que nós demos para eles, foi eles terem entrado no Palácio do Planalto.

Então, essa quebra de preconceitos, esse vencer barreiras que nós temos que fazer todo santo dia, e é praticamente todo santo dia, Suzana. Você deve ter vivido isso na carne o tempo inteiro. Quase todos os dias nós temos que enfrentar um obstáculo. Vocês sabem, porque vocês acompanham a minha vida política, quantos obstáculos eu enfrentei para chegar onde eu cheguei. E é verdade, doutora: somente a perseverança, somente a luta garante que os do “andar de baixo” possam chegar ao “andar de cima”.

E hoje vocês aqui, de forma muito orgulhosa – e podem ficar certos de que eu vou fazer muita publicidade deste Tribunal – de forma muito orgulhosa, vocês vão poder mostrar ao povo do Paraná, ao povo do Brasil e ao mundo que o que nos separa, o que nos dá qualidade de vida, o que nos dá consciência, consistência na nossa inteligência, não é a gente enxergar ou a gente não enxergar. Até porque, muitas das coisas que vocês decidem aqui não podem ser decididas apenas com a parte da inteligência da massa encefálica de cada um de nós. Muitas vezes o coração pensa para nos dar razão nas coisas que, muitas vezes, as leis... embora as leis não sejam tão justas com os mais necessitados.

Eu acho que a presença do Ricardo aqui vai dar um novo colorido a este Tribunal. Vai virar, eu acho, até motivo de curiosidade, vão querer saber, Ricardo, como é que você vai julgar o primeiro processo, como é que você vai conseguir dar a tua decisão.



Tem tanta gente com dois olhos que não consegue dar uma decisão que uma outra pessoa que não tem olho pode dar, se não tiver feito a opção correta. Sobretudo em uma Justiça criticada, em uma Justiça que alguns até pensam em acabar, uma Justiça que... Eu fui à posse do Tribunal Superior do Trabalho e muita gente acha que a Justiça do Trabalho não tem importância porque ela ajuda muito os pobres, que a CLT não tem nenhuma importância, que se poderia rasgar tudo, flexibilizar tudo e estaria tudo resolvido. Se não fosse a Justiça do Trabalho, o que seria de milhões de trabalhadores neste país que têm vocês, na maioria das vezes, o único garante contra a exploração do homem pelo homem neste país?

Portanto, eu queria, dra. Rosalie, dar os parabéns a vocês pela escolha da lista tríplice. Ao Ministério Público, pelo reconhecimento do Ricardo. E ao Ricardo, pelo mérito, porque não é mérito meu ter te escolhido, Ricardo. Muita gente, muita gente, até pessoas que você ajudou a panfletar nos anos 80, do tipo da Clara Ant, que ficava na porta da minha sala dizendo: “Eu conheço, ele é bom, ele é competente, ele é isso”. Então, tem muita gente que pediu para que eu confirmasse aquilo que o Tribunal do Paraná já sabia e aquilo que o Ministério Público sabia. Meu único mérito foi apenas atender aos clamores desses dois órgãos e daquilo que você construiu na tua vida, de professores teus, dos quais, quase todos que você citou, de São Paulo, grandes amigos nossos na luta pela liberdade democrática neste país.

Eu quero, dra. Rosalie, dizer da minha alegria. Eu espero que este gesto meu ajude um pouco mais a quebrar os preconceitos estabelecidos neste país.

E que o teu trabalho, Ricardo, que a tua grandeza, que a tua decência possam garantir que a gente vá quebrar mais rapidamente os preconceitos estabelecidos na consciência de alguns brasileiros e brasileiras, ainda.

Parabéns, Ricardo. Que Deus te abençoe e te ajude nessa nova trajetória.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
